

B – FILOSOFIA

O Existencialismo e o Brasil

Com a chegada ao Brasil de alguns exemplares de um livro de Jean-Paul Sartre sobre o existencialismo, começaram a aparecer nos suplementos e revistas literárias vários artigos a respeito daquela moderna corrente filosófica, sinais evidentes da curiosidade intelectual despertada pelo tema. Com isso **também** se prova continuarmos filhos espirituais da velha França, pois há mais de seis anos, tantos quantos foram necessários para derrubar a Alemanha de Hitler, não surpreendíamos em nossos meios cultos nenhum interesse maior **pelas** coisas do espírito. Todavia, com a vulgarização das teorias existencialistas, há o perigo concomitante de serem absorvidas noções falsas e superficiais. **Assim**, principalmente para o público que agora, pela primeira vez, está tomando **contato** com esses assuntos, é de conveniência acentuar dois pontos fundamentais: **em** primeiro lugar, que o existencialismo não é criação de Sartre, nem de **nenhum** outro filósofo francês; em segundo, que tal movimento de idéias **não** é absolutamente novidade para a intelectualidade brasileira.

Vejamos o primeiro ponto. O pai do existencialismo é um filósofo **dina-**marquês, Soeren Kierkegaard, cujas obras mais importantes **apareceram na** primeira metade do século passado. As notas dominantes do seu **pensamento** teórico são a angústia, o medo, a inquietação, o desespero. **Kierkegaard** pertencia a uma família de protestantes pietistas e sua vida agitada **foi uma** áspera luta entre o cristianismo e o Cristianismo. Todo o seu desespero **provinha** do pavor ao pecado. O homem vive, isto é, age e a sua ação não **pode ser** anulada. Uma vez praticado o ato, ele se incorpora à personalidade **do agente**, que dele jamais se libertará. Sai o sentimento de angústia diante da **Vida, que é** Ação, sentimento que ora inibia Kierkegaard para os atos mais **normais da** existência, como o casamento, ora o lançava romanticamente nas **aventuras** noturnas da boêmia desregrada. Para esse desespero só havia uma **salvação**, Deus, isto é, Cristo, que foi o centro de toda sua atividade intelectual. **Vê-se** por aí quanto é falso, por exemplo, dizer que o existencialismo nega a **presença** de Deus. Isto pode dar-se na interpretação de Sartre, que não exprime de **modo** algum o sentido mais profundo, e por isso mesmo mais legítimo **da filosofia** existencial. Há mesmo uma corrente existencialista que se denomina **cristã, da** qual a figura mais eminente é o católico francês Gabriel Marcel. Este **pensador** publicou num dos suplementos literários de nossa capital, exatamente o de “O Jornal”, de 4 de agosto do ano findo, importante artigo de que **extraímos** as seguintes linhas: “O mestre incontestável do existencialismo é Soeren

Kierkegaard, cuja influência direta em Sartre parece praticamente nula; o jovem filósofo francês é completamente estranho ao cristianismo, fora do qual o pensamento do grande dinamarquês se torna incompreensível”. Palavras justas e sensatas, das quais não é possível discrepar.

O pensamento kierkegaardiano encontrou conceptualização filosófica na obra de um obscuríssimo pensador germânico, Martin Heidegger, que, aliás, não aceitou o rótulo de existencialismo para os seus pontos de vista filosóficos. A leitura de Heidegger transmite realmente aquela sensação de logomaquia, a que aludiu Teófilo de Andrade, no artigo que publicou no domingo, 12 de janeiro, também no suplemento literário de “O Jornal”. Heidegger criou um léxico próprio para as suas especulações metafísicas e submete as palavras a uma análise torturante, na ânsia de captar as ressonâncias secretas que porventura guardem na sua misteriosa estrutura. A língua alemã, que permite com relativa facilidade a criação de um termo novo com vocábulos preexistentes no idioma, ofereceu a Heidegger caprichoso malabarismo verbal, que perturba até os leitores mais afeitos a leituras de temas filosóficos. Daremos um exemplo. No prefácio que Henry Corbin escreveu para o livro intitulado “Que é a Metafísica?”, nome do primeiro estudo da obra, teve o prefaciador e tradutor de modificar até a forma tradicional de determinados vocábulos franceses, a fim de fazê-los exprimir, com adequação, o pensamento de Heidegger. Deste modo, para designar aquilo que costumamos chamar “existência”, viu-se compelido a usar três vocábulos: “existence, existance, exsistance”... Cada um deles tem o seu sentido próprio, no conjunto da doutrina de Heidegger, sendo a primeira forma, por mais comum, a menos conveniente às conotações teóricas do pensador germânico.

O chamado existencialismo também não é novidade no Brasil. Trata-se, aliás, de um estado de espírito, provocado pela verdadeira angústia metafísica a que o racionalismo burguês de nossos pais e avós conduziu os espíritos mais bem dotados da geração que conheceu o mundo através das atrocidades bestiais de duas estupidíssimas guerras. Eis porque, no Brasil, houve existencialismo sem filiação direta a Kierkegaard. Apraz-nos citar aqui o romancista e pintor Cornélio Pena, um dos espíritos mais luminosamente obscuros de nossos dias, cujo livro de estréia, “Fronteira”, foi publicado em 1935. Analisando este e outro livro de Cornélio Pena: “Os dois Romances de Nico Horta”, Adonias Filho, num penetrante estudo que publicou no número 7 dos “Cadernos da Hora Presente”, sob o título “Entre os Romances de Cornélio Pena”, não pôde deixar de fazer citações de Heidegger, Kierkegaard e Dostoiewski. Esse ambiente de angústia e medo ontológico, por assim dizer, encontramos-lo em outros autores brasileiros, que o Sr. Elói Pontes, engraçado como sempre, denominou de “espíritas”. Podemos lembrar um Lúcio Cardoso, que levou ao teatro, com

visível exagero, aliás, uma peça cerebralmente insana: “O Escravo”. Podemos lembrar um Otávio de Faria, com as suas “Três Tragédias à Sombra da Cruz”, um dos trabalhos em que melhor conseguiu realizar o seu desespero religioso. E nessa linha criadora se situa também o próprio Sr. Adonias Filho, com “Os Servos da Morte”, livro que ainda está à espera do crítico capaz de lhe surpreender a densa substância existencial de que está dotado.

Não se pense, entretanto, que o existencialismo brasileiro não tivesse encontrado também os seus teorizadores, estes, naturalmente, repensando os dados colhidos nas obras originais dos mesmos europeus. No primeiro plano, fica o Sr. Euríalo Canabrava, cujo livro “Seis Temas do Espírito Moderno” mereceu de Tristão de Athaide, a mais perfeita estrutura de crítico literário e de idéias que jamais apareceu no Brasil, quatro longos e substanciosos artigos, dos que então assinava no rodapé de “O Jornal”, e que hoje fazem parte de seu livro “Meditação Sobre o Mundo Moderno” página 266-309, com o título de “O Existencialismo”. Também no “Centro D. Vital”, Rio de Janeiro, já há alguns anos, proferiram conferências sobre o existencialismo: uma o Sr. H. J. Hargreaves, de Juiz de Fora, e outra Frei Damião Berge, O. F. M., este último mais particularmente a respeito da ontologia de Heidegger, conferências que foram publicadas na revista “A Ordem”, órgão oficial daquele Centro.

Como fica visto pelo que acabamos de dizer, o Brasil não tem estado ausente nem ao surdir, nem ao desenvolvimento do existencialismo. Muito antes de Sartre, que é um vulgarizador sem gênio e cujo cabotinismo supera sem dúvida a profundidade, tivemos – e temos – entre nós romancistas, teatrólogos e teorizadores, que se inspiraram direta ou indiretamente no estado de espírito que fez brotar o “Tratado do Desespero” de Kierkegaard, ou o “Ser e Tempo”, de Heidegger. Mais do que uma filosofia da derrota de França, como viu no sartrismo Teófilo de Andrade – e o sartrismo talvez o seja – é a filosofia existencial a mais patética confissão intelectual da derrota do Homem Moderno. Rompendo os Sete véus com que a estupidez burguesa encobriu o homem a si mesmo, a redescoberta da essência humana se fez num mundo aniquilado pela impiedade e pela covardia, quando, face a face, se encontraram o Homem e o seu Desespero interior. Nesta fronteira viva entre a razão e a loucura, a fé, a fé cristã da humildade, da simplicidade e do martírio é a única salvação para a idade em que estamos entrando, a da Deusa Loucura que, em esgares alucinados, já se prepara para tomar o ceptro à Idade da Deusa Razão, deusa vencida e humilhada pelas suas próprias armas.

(A Manhã, 20/01/1947)

*